

TRANSTORNO MENTAL COMUM EM ACOMPANHANTES DE PACIENTES EM INTERNAÇÃO HOSPITALAR DE CURTO E MÉDIO PERÍODO: UM ESTUDO TRANSVERSAL

COMMON MENTAL DISORDERS IN PATIENTS CAREGIVERS IN SHORT AND MID TERM HOSPITAL ADMISSION, A CROSS-SECTIONAL STUDY

Maitê Marques de Souza Moreira 1

Natália Estrela da Silva 2

Gustavo Henrique Araújo 3

Nathália Casagrande Fiorini 4

Márcia Domingos de Oliveira 5

Wagner Alves de Souza Júdice 6

Vanessa Martins Valente Guimarães 7

Renan Antônio da Silva 8

Resumo: O objetivo deste estudo foi avaliar a prevalência de transtorno mental comum (TMC) em acompanhantes de pacientes que permanecem por um curto ou médio período em internação hospitalar. Trata-se de um estudo transversal, realizado em um Hospital Geral da Grande São Paulo em 2019, com amostra de 272 indivíduos. Foi utilizado o instrumento Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20), mundialmente validado. A prevalência de transtorno mental comum foi de 41,2%. A maior porcentagem do transtorno esteve presente em acompanhantes que eram filho(a) do paciente internado (49,1%), do sexo feminino (44,8%), com faixa etária entre quarenta e cinquenta e nove anos (45,1%), que exerciam outra atividade profissional de trabalho (42%), também possuíam alguma doença crônica (51,1%) e não realizavam atividade física (46,6%). Três setores que apresentam acompanhante foram avaliados e, dentre eles, o setor verde (local de primeira internação) foi o local de maior transtorno mental (49,5%). O estudo evidenciou que é altamente elevado o número de TMC nos acompanhantes de pacientes em internação hospitalar, mesmo quando estas são mais curtas e resolutivas. Diante do fato, os serviços de saúde devem estar atentos aos cuidados também dos acompanhantes. Um acolhimento melhor ao acompanhante cuidador pode contribuir para a saúde mental e qualidade de vida durante o período de internação.

Palavras-chave: saúde mental, internação hospitalar, transtorno mental.

Abstract: The aim of this study was evaluate the prevalence of common mental disorder (CMD) in accompanying patients who stay for a short or medium period in hospital internment. This is a cross-sectional study conducted at a General Hospital, from Greater São Paulo in 2019, with a sample of 272 individuals. We used the Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) instrument, worldwide validated. The prevalence of common mental disorder was 41,2%. The highest percentage of disorder was present in companions who were the child of the hospitalized patient (49,1%), female (44,8%), aged between forty and fifty-nine (45,1%), who performed another professional work activity (42%), also had a chronic disease (51,1%) and did not perform physical activity (46,6%). Three sectors that make up companion were evaluated and, among them, the green sector (local of first intention) was the place of major mental disorder (49,5%). The study showed that the number of CMD in patient companions is highly high and the number of CMD in the patients escorts in hospital, even when they are shorter and more resolute. Faced with fact, health services should be attentive to care of the accompanying. A better receipt to the caregiver escorter can contribute to mental health and quality of life during the period of hospitalization.

Keywords: mental health, hospitalization, mental disorder.

1-Universidade de Mogi das Cruzes. E-mail: maitems1983@gmail.com

2- Universidade de Mogi das Cruzes. E-mail:nataliaestrela21@hotmail.com

3- Graduada em Administração de Empresas (pela UnB), Pós Graduada em Administração Rural: Cadeia Produtiva e o NeUniversidade de Mogi das Cruzes. E-mail: gustavoaraujo7@hotmail.com

4-Universidade de Mogi das Cruzes. E-mail: nathi.cfiolini@gmail.com

5- Universidade de Mogi das Cruzes. E-mail: marcia.silva@hclpm.org.br

6- Universidade de Mogi das Cruzes. E-mail: wagnerjudice@gmail.com

7- Universidade de Mogi das Cruzes. E-mail:valente.guimaraes@gmail.com

8- Doutor em Educação Escolar pela UNESP/Araraquara. Com 9 pós-doutorados. Docente Permanente do PPG em Políticas Públicas da UMC e Pesquisador do Departamento de Pesquisa do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5491042310888384>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1171-217X>. E-mail: r.silva@unesp.br

Introdução

Segundo o relatório global lançado em fevereiro de 2017 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o número de pessoas que vivem com depressão aumentou 18,4% no mundo entre 2005 e 2015, além dos distúrbios relacionados à ansiedade que aumentaram 14,9% nesse período. No Brasil, 5,8% da população é afetada por depressão e 9,3% por ansiedade, segundo dados do relatório da OMS – *Depression and Other Common Mental Disorders* (WHO, 2017).

Os transtornos mentais comuns (TMC) são classificados como doenças com manifestações psicológicas, associadas a comprometimento funcional, resultante de disfunção física, social, psicológica e, até mesmo, alterações no modo de pensar, alterações no humor, associadas a uma angústia expressiva que causa prejuízos no desempenho global da pessoa (SANTOS, 2010).

O TMC gera alto custo social e econômico por atingir pessoas de todas as idades, o que eleva a demanda nos serviços de saúde. Apesar de existirem baixos valores de mortalidade, apresentam incapacidade de longa duração, reduzindo a qualidade de vida desses indivíduos (SANTOS 2010).

O TMC gera grandes transtornos no ambiente familiar e esses transtornos se agravam em uma internação hospitalar. Nesse caso, além da doença física do doente internado, observa-se a possibilidade da existência de sintomas no acompanhante. O acompanhante vai mediar e executar as atividades entre o paciente e o ambiente hospitalar que o cerca, ficando com a sobrecarga física e emocional. O tempo de internação desses pacientes variou de três a trinta e três dias, desgastando a saúde física e psicológica desses acompanhantes (DIAS, 2010).

O questionário *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20), já validado em diversos países, inclusive em português do Brasil, é um instrumento amplamente utilizado para avaliar os sintomas de esgotamento físico e emocional (GUIRALDO, 2016).

A hospitalização é um acontecimento muito estressante e envolve grandes mudanças e adaptação a elas. A internação imediata, o distanciamento de casa e do convívio com a família, os procedimentos terapêuticos que podem agredir o paciente física e psiquicamente, são fatores que desestruturam tanto o paciente quanto seus familiares, principalmente os que o acompanham (COSTA, 2009).

O acompanhante é a pessoa que se dispõe a cuidar da pessoa doente, sendo remunerada ou não, auxiliando na execução de atividades cotidianas como higiene pessoal, alimentação, administração de medicamentos, independente da gravidade da doença. Sem suporte e devida orientação para realizar o cuidado em saúde o acompanhante é sobrecarregado e também adoce, implicando em consequências para o acompanhante e para o doente (CARDOSO, 2012).

O preparo da equipe de saúde para estabelecer um relacionamento de empatia e de confiança com os familiares é muito importante. Assim, esses profissionais devem se comunicar de forma adequada com os acompanhantes objetivando a retirada de dúvidas e satisfação da necessidade de informação sobre seus familiares internados (MARUITI, 2008).

No período de internação hospitalar, o acompanhante do paciente está sujeito a fatores estressantes, como o distanciamento da rotina habitual, estresse, medo, que podem sugerir a possibilidade de desenvolvimento do transtorno mental comum. Diante do importante papel do acompanhante durante o período de internação e a possibilidade de desenvolver alterações psicológicas, o estudo tem como objetivo avaliar a prevalência de transtorno mental comum em acompanhantes de pacientes que permanecem por um curto ou médio período de internação, com a finalidade de detectar se o transtorno está presente nesse perfil de acompanhante.

Métodos

Estudo transversal realizado em 2019, de base populacional, em acompanhantes de pacientes internados no Hospital das Clínicas Luzia de Pinho Melo, localizado em Mogi das Cruzes, SP, para avaliar o transtorno mental comum (TMC).

O TCM foi avaliado a partir do questionário SRQ-20 (*Self-Reporting Questionnaire*), instrumento da Organização Mundial de Saúde construído em 1983 e validado no Brasil em

1986 (MARI, 1986). O ponto de corte utilizado foi 5/6 para o sexo masculino e 6/7 para o sexo feminino, conforme estudo de validação no Brasil de Mari & Williams, 1986 (MARI, 1986).

Para o cálculo do tamanho da amostra, foi utilizada a prevalência de 20% de TMC observada na maioria dos estudos no campo do transtorno mental comum. Adotou-se um nível de significância de 5% e um poder do teste de 95%, sendo necessários 217 acompanhantes entrevistados. Com a correção para perdas, estimada em 20%, o tamanho da amostra foi corrigido, obtendo-se $n' = 217 / 0,80 = 271,25$, o qual foi arredondado para 272, como tamanho amostral final mínimo deste estudo.

A população do presente estudo incluiu 272 acompanhantes principais, que permaneciam a partir de 4 horas diárias após internação hospitalar aprovada, de ambos os sexos, com idade superior a 18 anos, sendo excluídos acompanhantes remunerados ou que possuíam distúrbios psiquiátricos prévios. Os dados foram obtidos por meio de questionários aplicados por entrevistadores treinados, respondidos diretamente pelos acompanhantes.

As variáveis estudadas foram sexo, faixa etária, situação conjugal, escolaridade, raça, religião, trabalho atual, presença de filhos e parentesco com o paciente.

Os dados coletados nas entrevistas foram duplamente digitados e posteriormente foram comparadas e onde houve incongruência, a digitação foi revista e corrigida.

Os dados foram analisados utilizando o programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 19.0, e realizado os testes Qui-Quadrado e modelos de regressão de Poisson. Foi utilizado o método estatístico MEDIAN OF NEARBY POINTS para reposição de perdas.

O estudo foi avaliado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos do Hospital Luzia de Pinho Melo de Mogi das Cruzes, São Paulo sob número CAAE:97781218.6.0000.5497 e parecer de aprovação 3.245.324. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados

Dos 272 indivíduos que responderam ao questionário, 77,9% eram do sexo feminino, 37,5% dos acompanhantes tinham de oito até onze anos de escolaridade; 64,7% eram casados; 44,9% estavam na faixa etária de quarenta a cinquenta e nove anos; 50,7% dos acompanhantes exerciam trabalho atual; 48,9% eram da raça branca; 42,6% se declararam evangélicos; 80,5% dos acompanhantes tinha pelo menos um filho e 39,7% eram filho(a) do paciente internado e a prevalência de transtorno mental comum foi de 41,2 % (Tabela 1).

Tabela 1. Perfil sociodemográfico e TMC1 dos acompanhantes amostrados, Hospital Geral da Grande São Paulo, 2019.

	n	%	(D.P.)²
Sexo			
Masculino	60	22,1	(9,2)
Feminino	212	77,9	(8,2)
Faixa etária			
20-39 anos	97	35,7	(4,7)
40-59 anos	122	44,9	(5,8)
≥ 60 anos	53	19,5	(4,2)
Situação conjugal			
Com companheiro	176	64,7	(4,9)
Solteiro	63	23,2	(5,0)
Viúvo	11	4,0	(0,0)
Separado/Divorciado	22	8,1	(0,0)
Escolaridade			
0-3 anos	73	26,8	(2,8)
4-7 anos	33	12,1	(1,8)
8-11 anos	102	37,5	(1,5)
12 ou mais	64	23,5	(5,0)
Cor ou Raça³			
Branco	136	48,9	(1,9)
Pardo	85	18,1	(6,2)
Negro	47	33,0	(1,2)
Amarelo		1,1	(0,3)

Trabalho atual			
Não	134	49,3	(1,9)
Sim	138	50,7	(9,2)
Religião			
Católica	107	37,2	(1,5)
Evangélica	105	42,6	(3,2)
Espirita e Umbanda	23	8,5	(0,0)
Outras	37	13,6	(1,6)
Tem filhos			
Não	53	19,5	(4,2)
Sim	219	80,5	(1,2)
Parentesco com o paciente⁴			
Filho (a)	108	39,7	(4,1)
Irmão (a)	34	12,5	(1,8)
Esposo (a)	55	20,2	(2,7)
Pai / Mãe	27	9,9	(0,0)
Outros	48	17,6	(6,2)
TMC¹			
Não	160	58,8	(2,1)
Sim	112	41,2	(1,2)

¹ Definido como seis ou mais respostas positivas (sexo masculino) ou sete ou mais respostas positivas (sexo feminino) no questionário SRQ-20. ² Desvio-padrão.

³ Cor ou raça auto-declarada pelo indivíduo. Não houve ainda outras raças declaradas

Fonte: elaborada pelos autores.

A tabela 2 mostra dados que correlacionam o TMC com as características sociodemográficas do acompanhante, além de aspectos da internação do serviço de saúde prestado ao paciente.

Tabela 2. Características sociodemográficas do acompanhante e aspectos da internação e do serviço de saúde segundo TMC1, Hospital Geral da Grande São Paulo, 2019.

Variável	Transtorno Mental Comum (TMC) ¹				p*
	Não		Sim		
	N	%	n	%	
Sexo					0,022
Masculino	43	71,7	17	28,3	
Feminino	117	55,2	95	44,8	
Faixa etária					0,177
20-39 anos	56	57,7	41	42,3	
40-59 anos	67	54,9	55	45,1	
≥ 60 anos	37	69,8	16	30,2	
Religião					0,784
Católica	66	61,1	42	38,9	
Evangélica	60	58,3	43	41,7	
Outras	34	55,7	27	44,3	
Parentesco com o paciente²					0,009
Filho (a)	55	50,9	53	49,1	
Esposo (a)	29	52,7	26	47,3	
Irmão (ã)	19	55,9	15	44,1	
Pai/Mãe	19	70,4	8	29,6	
Outros	38	79,2	10	20,8	
Trabalho atual					0,772
Não	80	59,7	54	40,3	
Sim	80	58,0	58	42,0	
Doença Crônica					0,053
Não	116	63,4	67	36,6	
Sim	43	48,9	45	51,1	
Atividade de lazer					0,075
Não	71	53,4	62	46,6	
Sim	89	64,0	50	36,0	
Setor de internação					0,045
Clínica Médica	41	56,2	32	43,8	
Térreo (Verde)	43	50,5	45	49,5	
Clínica Cirúrgica	73	67,6	35	32,4	
Tempo de internação (dias)³					0,001
1º Quartil	19	55,9	15	44,1	
2º Quartil	16	99,8	1	0,2	
3º Quartil	8	38,1	13	61,9	
4º Quartil	13	59,1	9	40,9	

¹Definido como seis ou mais respostas positivas (sexo masculino) ou sete ou mais respostas positivas (sexo feminino) no questionário SRQ-20.

Fonte: elaborada pelos autores.

Os católicos apresentaram a menor prevalência de TMC com 38,9%, seguido pelos evangélicos com 41,7% e as outras religiões com maior prevalência apresentando 44,3%. Observou-se que 44,8% das mulheres apresentavam TMC, enquanto os homens apresentaram um resultado de 28,3%. A faixa etária dos entrevistados que revelou uma maior prevalência do TMC foi dos 40 aos 59 anos (45,1%), seguido do intervalo dos 20 aos 39 anos (42,3%) e

subsequente os acima de 60 anos (30,2%). Em relação aos aspectos da internação, constatou-se uma maior prevalência de TMC no setor de observação e internação temporária, nomeado como Verde (49,5%), seguido do setor de Clínica Médica (43,8%) e Clínica Cirúrgica (32,4%). Quando analisado o tempo de internação em dias, dividido em quartil, foi evidenciado o terceiro quartil com 61,9% de TMC. As variáveis que apresentaram associação estatisticamente significativa com o TMC foram parentesco do acompanhante entrevistado ($p=0,009$), o tempo de internação do paciente ($p=0,001$) e o setor onde o paciente está internado ($p=0,045$).

Ao realizar a análise multivariada, modelo de regressão de Poisson para TMC em acompanhantes de pacientes em internação hospitalar de curta e média permanência, o parentesco com o paciente, o setor de internação e o tempo de internação do paciente permaneceram significativamente associados ao TMC (Tabela 3).

Tabela 3. Modelo de regressão de Poisson para TMC⁴ (Transtorno Mental Comum) em acompanhantes de pacientes de curta e média permanência, Hospital Geral da Grande São Paulo, 2019.

Variável	Razão de Prevalências		Razão de Prevalências	
	Bruta ¹	IC 95%	Ajustada ²	IC 95%
Sexo				
Masculino	0,75	0,38-1,26	0,75	0,38-1,26
Feminino	1,00		1,00	
Parentesco com o paciente²				
Filho (a)	3,02	1,17-7,80	3,02	1,17-7,80
Esposo (a)	2,04	0,66-6,36	2,04	0,66-6,36
Irmão (ã)	4,65	1,73-9,45	4,65	1,73-9,45
Pai/Mãe	1,27	0,19-8,55	1,27	0,19-8,55
Outros	1,00		1,00	
Tempo de internação (dias)³				
1º Quartil	1,00	0,46-2,16	1,00	0,46-2,16
2º Quartil	1,01	0,01-7,90	1,01	0,01-7,90
3º Quartil	1,85	1,04-3,29	1,85	1,04-3,29
4º Quartil	1,00		1,00	
Setor de internação				
Clínica Médica	1,47	0,79-2,73	1,47	0,79-2,73
Térreo (Verde)	2,04	1,10-3,75	2,04	1,10-3,75
Clínica Cirúrgica	1,00		1,00	

¹ Regressão de Poisson ajustada para variáveis apresentadas na tabela, e idade e escolaridade lineares.

² Grau de parentesco relatado pelo acompanhante do paciente internado (mais de 24 horas de permanência) no hospital geral.

³ Tempo total de internação do paciente em dias (variável linear) dividido em quartis.

⁴ Definido como seis ou mais respostas positivas (sexo masculino) ou oito ou mais respostas positivas (sexo feminino) no questionário SRQ-20.

Fonte: elaborada pelos autores.

Discussão

Na investigação do TMC em um grupo de acompanhantes de pacientes com internação de curta e média permanência em um Hospital Geral foi detectada uma prevalência de 41,2%. O valor do TMC é considerado elevado, quando se compara com o estudo de Senicato, em que

o valor encontrado esteve entre 19 e 34% (SENICATO, 2018) ou com o estudo de Lucchese com prevalência de 31,47% (LUCCHESE, 2014). Nesse estudo, a maioria dos acompanhantes afetados são os familiares mais próximos, os filhos, que possuem sua saúde emocional bastante afetada mesmo em um período de internação mais curto.

A maior prevalência de TMC em mulheres é semelhante aos achados do estudo realizado por Coutinho em 2014, sobre a prevalência de TMCs no contexto social, que revelou uma maior chance de TMC em mulheres e indivíduos na faixa etária de 40 a 64 anos (COUTINHO, 2014).

No tocante a religião, a internação de um familiar pode alterar a espiritualidade do acompanhante. Assim, pode ocorrer a conversão religiosa, fortalecimento das crenças ou abandono da religião. No presente estudo a religião foi investigada com o intuito de obter dados relacionados à religiosidade, observando as formas com que os acompanhantes buscam apoio para enfrentar a experiência do cuidado de um ente querido hospitalizado. Dessa forma, os resultados obtidos concernem com a pesquisa realizada por Mauriti em 2008 que observou que 79,5% dos familiares entrevistados praticavam alguma religião (MARUITI, 2008). Assim, os entrevistados consideraram a religião como agente tranquilizador que minimiza o estresse e ansiedade.

Verificamos que indivíduos com doença crônica apresentaram uma prevalência de 51,1% de TMC, enquanto nos não portadores a prevalência foi de 36,6%, com $p=0,053$. O estudo de Moreno (2011) verificou grande significância estatística com prevalência de 63,7% de TMC nos portadores de doença crônica (MORENO, 2012). Isso talvez se deva à necessidade destas pessoas por acompanhamento de saúde e as limitações impostas pela doença.

A prevalência do TMC em acompanhantes que realizam atividades de lazer foi de 36% e para os que não realizavam foi de 46,6%, evidenciando a importância do lazer na saúde psíquica dos acompanhantes corroborando o estudo realizado por Rocha et al (2012), onde indivíduos ativos no lazer apresentavam menores prevalências de TMC (ROCHA, 2012).

A despeito da relevância do TMC, por se tratar de um estudo novo, que adotou como amostra acompanhantes de pacientes em curta ou média internação hospitalar em um Município de São Paulo, encontrou-se dificuldade em se obter na literatura trabalhos que possibilitassem comparações diretas com os dados obtidos neste estudo.

Uma limitação técnica encontrada foi a possibilidade de avaliar apenas um cuidador principal, pois, em alguns casos, os pacientes possuem mais de um cuidador na família.

Considerações finais

Este é o primeiro estudo transversal, até onde se sabe, que investigou a prevalência de TMC em acompanhantes de pacientes em internação hospitalar de curta e média duração utilizando como instrumento de triagem o questionário SRQ-20, instrumento indicado pela OMS para levantamento sobre a saúde mental em países em desenvolvimento. A escolha pelo estudo de acompanhantes em detrimento de pacientes internados mostra-se inovadora, ao longo de um ano, o que pega as diferenças sazonais das doenças em Hospitais Gerais e passível de gerar informações que podem contribuir para estudos futuros com esse grupo populacional.

Constatou-se uma maior prevalência de TMC no setor verde, que é um setor onde o paciente é primeiramente internado, para posteriormente ser remanejado ao setor mais adequado, após diagnóstico definitivo. A angústia do diagnóstico incerto poderia explicar um valor maior de TMC e o uso do SRQ-20 se mostra eficiente para rastrear sintomas mentais comuns (MARI, 1986).

É altamente elevado o número de TMC nos acompanhantes de pacientes em internações mais curtas e resolutivas, evidenciando alta influência no emocional, independente da faixa etária, sexo, escolaridade, raça, religião e nível sócio econômico. O conhecimento da prevalência desses sintomas psiquiátricos é muito importante para o direcionamento de políticas de saúde.

Referências

CARDOSO L, VIEIRA MV, RICCI MAM, MAZZA RS. **Perspectivas atuais sobre a sobrecarga do acompanhante em saúde mental.** Ver Esc Enferm USP. São Paulo, n. 2, p. 513-7, 2012.

COSTA JB, MOMBELLI MA, MARCON SS. **Avaliação do sofrimento psíquico da mãe acompanhante em alojamento conjunto pediátrico.** Estudos de Psicologia, Campinas, n. 3, p. 317-25. 2009.

COUTINHO, LMS, ET. AL. **Prevalência de transtornos mentais comuns e contexto social:** análise multinível de São Paulo Ageing & Health Study (SPAHS). **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 1875-83, 2014.

DIAS CA, NUERNBERG D. Doença na família: uma discussão sobre o cuidado psicológico do familiar acompanhante. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, vol. 44, n. 2, out. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2010v44n2p465/20920>> Acesso em: 19 out. 2019.

GUIRALDO GMP, PEREIRA NMP. **Uso do Self- Reporting Questionnaire (SRQ-20)** para determinação dos sintomas físicos e psicoemocionais em funcionário de uma indústria metalúrgica do Vale do Paraíba/SP. **Cad Saúde Colet**, Rio de Janeiro, n. 1, p.92-8, 2016

LUCCHESI ROSELMA, SOUSA KAMILA DE, BONFIN SARAH DO PRADO, VERA IVÂNIA, SANTANA FABIANA RIBEIRO. **Prevalência de transtorno mental comum na atenção primária.** Acta paul. Enferm, São Paulo, N. 3, p. 200-207, 2014.

MARI JJ, ET AL. **A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20)** in primary care in the city of Sao Paulo. **Br J Psychiatry**, São Paulo, n. 6, p.148:23, 1986

MARUITI MR, GALDEANO LE, FARAH OGD. **Ansiedade e depressão em familiares de pacientes internados em unidade de cuidados intensivos.** Acta Paul Enferm. São Paulo, n. 4, p. 636-42, 2008.

MORENO, Emily Anne Cardoso. **Fatores associados ao risco de transtorno mental comum.** 2012. Dissertação (mestrado em Enfermagem)- Universidade federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2012.

ROCHA, SV, ET AL. Prática de atividade física no lazer e transtorno mentais comuns entre residentes de um município do Nordeste do Brasil. **Rev. Bras Epidemiol.** Bahia, ano 4, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rbepid/2012.v15n4/871-883>> Acesso em: out. 2019.

SANTOS EG, SIQUEIRA MM. **Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira:** uma revisão sistemática de 1997 a 2009. **J Bras Psiquiatr.** Rio de Janeiro, ano 3, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852010000300011> Acesso em: 22 out 2019.

SENICATO C. ET.AL. **Transtorno mental comum em mulheres adultas:** identificando os segmentos mais vulneráveis. **Cien. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, ano 8, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-81232018000802543&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 23 set 2019.

WHO-WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and other common mental disorders:** global health estimates. WHO publications; Geneva, ano 2, abr. 2017. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/management/depression/prevalence_global_health_estimates/en/> Acesso em: 15 set. 2019.

Recebido em 23 de abril de 2020.
Aceito em 2 de junho de 2020.